

O ARTIVISMO NOS MUROS DAS ESCOLAS DE TAGUATINGA (DF).

Raimundo Rodrigo Sampaio de Souza ¹

RESUMO

Neste trabalho apresento a revisão de literatura sobre a mudança de percepção do graffiti nos últimos 50 anos, considerada inicialmente uma expressão transgressora da subcultura dos movimentos estudantis e do hip hop que o utilizavam como uma forma de comunicação até conquistar os espaços tradicionais das artes. Também será mostrado como o graffiti pode ser uma ferramenta que auxilia na inserção de assuntos que levam a uma educação libertadora, por meio da imaginação e criatividade, e mensagens artivistas que fomentam a reflexão gerando conhecimento e criticidade por meio dos graffitis nos muros das escolas.

Palavras-chave: Movimentos Sociais, Artivismo, Graffiti Educação Libertadora, Muros.

INTRODUÇÃO

O graffiti é uma expressão de arte urbana que faz parte da subcultura do movimento hip-hop, que teve início na década de 1960, em Nova Iorque, onde se utilizavam diferentes linguagens como forma de comunicação e o graffiti e seus artistas atuavam como agentes políticos e sociais, utilizando-se do rap como linguagem verbal, do break dance como linguagem corporal e do graffiti como linguagem visual e escrita. Por fazer parte de um movimento de origem periférica, esta subcultura foi marginalizada e também criminalizada, inferimos que por, principalmente, utilizar os espaços públicos e privados sem a devida autorização. No Brasil, a pixação é considerada vandalismo e crime ambiental, como consta no artigo 65 da Lei 9.605/98 (Lei dos Crimes Ambientais), que estipula pena de detenção de 03 meses a 01 ano, e multa, para quem pixar, grafitar ou por qualquer meio conspurcar edificação ou monumento urbano.

Atualmente no Distrito Federal vigora a Lei nº 6.614/2020 que aumentou o valor das multas a serem pagas por quem vandaliza a cidade e faz parte do Programa de Combate à Pichações, e como punição o valor da multa pode chegar a cem mil reais. Entretanto, em 25 de maio de 2011, ocorreu a alteração do art. 65 da Lei nº 9.605/98 que descriminalizou o graffiti desde que fosse realizado com o intuito de revitalizar e valorizar o patrimônio público. No ano de 2018, em 3 de julho, o Governo do Distrito

¹ Graduado do Curso de Educação Artística da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes - DF, raidigol@gmail.com.

Federal publicou o Decreto nº 39.174 que “institui a Política de Valorização do graffiti, que visa o fortalecimento, valorização e fomento do graffiti”. Em virtude da modificação da legislação de forma favorável ao graffiti, os artistas tiveram mais incentivos para utilizar os espaços urbanos para exprimir suas mensagens que podem ser políticas, sociais, ecológicas, artísticas e culturais, colorindo e valorizando os espaços públicos por meio de uma linguagem sintonizada com questões consideradas relevantes, mesmo que sejam capazes de gerar opiniões contrárias ou a favor de quem passa por essas mensagens inseridas pelos muros das cidades. Desta forma, a presença do graffiti nos muros, desde que sejam percebidos pelos transeuntes, pode vir a ressignificar o espaço, reelaborado com os desenhos e frases e assim sensibilizar a comunidade a interagir, fomentando a reflexão e a ação. Portanto, com base nos expostos acima, o presente artigo visa pesquisar a história e a mudança de percepção social sobre o graffiti nos últimos 50 anos ressaltando o seu uso para mensagens artística e sendo mais uma possível fonte para uma educação libertadora que utiliza espaços públicos e privados para temas universais e geradores de conhecimento e criticidade.

Para melhor compreender essa dinâmica, este estudo também propõe a observar como o graffiti, enquanto linguagem visual, se insere no cotidiano escolar e urbano de três escolas de ensino médio de Taguatinga-DF. A análise dos graffitis presentes nesses muros busca identificar de que forma essa arte tem sido utilizada como uma forma de comunicação artística, levantando questões sociais e políticas que dialogam diretamente com os temas abordados no contexto escolar, e o potencial do graffiti como ferramenta educativa, capaz de promover reflexões críticas sobre as problemáticas contemporâneas.

HISTÓRIA DO GRAFFITI

O graffiti como forma de comunicação tem início a partir da pré-história quando o homem pré-histórico já buscava se comunicar através das pinturas rupestres. Escrever nas paredes é a forma de comunicação mais antiga de expressão humana, segundo Valeria Appel em seu artigo “Ghetto art: Thousand voices in the city” (2006,s/n) no qual declara que as pinturas rupestres são “um meio 16 de expressão (pictórico) que precedeu a linguagem nos tempos primitivos” . Celso Gitahy (1999, p.11), corrobora

com Appel quando diz que o graffiti acompanha a história do homem pelos vestígios já encontrados através dos tempos.

Graffito vem do italiano e significa inscrição ou desenhos de épocas antigas, que eram riscados em rochas e paredes (GITAHY,1999, p.13). Graffiti é o plural de graffito. Graffito se refere à técnica e graffiti se refere aos desenhos. Rebeca Fuks em seu artigo Graffiti: história, características e obras no Brasil e no mundo (2019, s/n) comenta que o que se busca é intervir nas cidades tendo como objetivo principal tecer uma crítica social. Novamente em diálogo com o Gitahy (1999, p.15), somos informados de que, no início do século XX, artistas mexicanos utilizaram a técnica de pintura em mural para decorar prédios públicos a pedido do Secretário da Educação Pública, à época, José Vasconcelos (1882-1959) e assim poderem oferecer aos mexicanos uma maior visibilidade da arte pública naquele país, uma vez que se tratavam de artistas 4 notoriamente conhecidos tais como Diego Rivera (1886- 1957) e David Affaro Siqueiras (1896- 1974) .O secretário mexicano buscava uma arte pública que fosse capaz de falar com multidões, como também enfocasse aspectos políticos importantes para a época já que buscavam ressaltar, por meio da arte, a identidade mexicana para se contrapor com à colonização espanhola. O investidor do muralismo mexicano foi o próprio governo do México, como comenta MARCELA BELO GONÇALVES em seu artigo Arte Pública, Muralismo e Questões Políticas (2012, s/n) que almejava “e afirmar politicamente, defendendo a necessidade de uma função social para a obra de arte, expondo em murais a opressão do colonizador espanhol, da ditadura porfirista e da exploração capitalista norte-americana no México. VALÉRIA PEIXOTO DE AGUIAR em seu artigo Muralismo- Uma forma de arte pública (2008,s/n) diz que o muralismo mexicano, assim como o graffiti, é uma forma de arte pública e que buscou romper com a arte acadêmica para criar uma arte original moderna e autêntica. Pode-se notar que tanto o muralismo quanto o graffiti compartilham de características semelhantes no sentido de serem expressões artísticas que buscaram romper com a arte erudita, até no espaço geográfico que ocupam. No Brasil, segundo Gitahy (1999, p.15), a partir da década de 1940 do século XX, também foram realizados murais com temas da história e da arte brasileiras como, por exemplo, o mural realizado pelo artista Di Cavalcanti (1897-1976) na fachada do Teatro de Cultura Artística na cidade de São Paulo. Contextualizando um pouco sobre a arte brasileira, Norma Gonzaga da Penha diz que:

No final da década de 50, tem-se o início da arte pop na qual alguns artistas defenderam a concepção de uma arte que se comunicasse diretamente com o público utilizando uma cultura de massa, por meio de signos e símbolos do cotidiano e incorporaram a arte nas histórias em quadrinhos, publicidade, imagens televisivas, cinema etc. (PENHA, 2021, p.12).

Em complemento à citação acima, acrescenta-se que outros tipos de tintas como a látex e a tinta spray, que surgiram com a indústria automobilística, também foram utilizados como material para elaboração da arte pop, além de outros tipos de linguagens como por exemplo: colagens, fotografias e serigrafias. De acordo com o artigo Grafitagem: Resistência e criação, de Anita Rink:

Esta nova tecnologia inaugura um novo momento para expressão artística feita em muros e mesmo para a história atual, pois sendo um produto que pode ser consumido pela massa, as pessoas passaram a ter acesso a estes recursos para exprimir-se sobre paredes. (RINK, 2010, p.80).

Entre os recursos a que Rink se refere ressalta-se a já citada tinta em spray que, além de ser de mais fácil o acesso, é o material mais utilizado pelos grafiteiros por possuir uma maior versatilidade sendo, portanto, usada para vários tipos de pinturas nas mais variadas plataformas: paredes, vidros, madeiras, metais, entre outros. Segundo Celso Gitahy (1999, p.16) “todos esses dados sobre muralismo, junto com a pop art, já apontavam para a origem do graffiti contemporâneo enquanto expressão artística e humana. ” William da Silva e Silva em seu artigo A trajetória do Graffiti Mundial (2008, p.213) diz que: o impacto visual que provoca, tanto através das grandes dimensões que geralmente assume como pelas cores fortes, vibrantes e contrastantes que utiliza é um choque que altera a disposição estética das cidades modernas”. Tal afirmação ajuda a refletir sobre o quanto o graffiti pode estar inserido dentro do cotidiano urbano, por meio de novas formas de se produzir arte e amplificando o seu público, além de colorir a cidade.

MANIFESTAÇÃO POLÍTICA

O graffiti, mesmo possuindo um lado transgressor, também possui o seu papel de transmitir mensagens visuais artísticas e de ativismo político e social, como comenta Paulo Raposo em seu artigo “Artivismo”: Articulando dissidências, criando

insurgências (2015, p.5) no qual define o ativismo como um neologismo entre arte e política que estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Para Baldin e Cherem no artigo *Ativismo, Resistência e mudança social na prática e nas expressões do graffiti* (2020, p.206) “o graffiti está intrinsecamente ligado à vida social, aos fenômenos e processos socioculturais dos quais seu produtor atua e participa”. Segundo Campos (2012) o graffiti sendo arte e possuindo o caráter ativista, pode apresentar três maneiras de se relacionar com os espaços comuns e o sentimento de comunidade:

A primeira é através do embelezamento dos espaços, criando orgulho e sentimentos relativos à propriedade comum. A segunda se refere a apresentar críticas e protestos políticos que são por natureza ações de cunho sociopolítico. E a terceira é quando a arte denota novas formas imaginativas de ver o mundo e as relações cotidianas, reestruturando o cotidiano. (CAMPOS, 2012, p.211).

Os graffiti realizados em espaços públicos com mensagens de artistas buscam o diálogo dentro dos centros urbanos ao trazer temas que podem ser pertinentes. Essas mensagens retratam um pouco da realidade do grafiteiro e buscam conversar com as pessoas transeuntes das cidades. Essas expressões artísticas podem levar longe uma mensagem de luta e resistência, além de contribuir para a transformação da sociedade. Segundo Baldin e Cherem sobre o graffiti ser uma ferramenta do ativismo:

O graffiti é uma forma de ativismo criativo por abrir um espaço para a reflexividade, imaginação. A ação criativa relaciona diferentes perspectivas, valores e ideias sobre o mundo e sobre os indivíduos gerando novos debates e novas formas de reflexão, portanto, são ações flexíveis e suficientes para articular, a partir de sua existência, múltiplas perspectivas sobre a realidade. (2020, p.211).

Podemos depreender que o ativismo é uma forma de comunicação que utiliza a imaginação para gerar reflexões sociais que podem vir a inquietar as pessoas dando poder e difusão para as mensagens, e oferecendo a possibilidade de imaginar o mundo de maneiras muito distintas por meio de temas políticos e sociais e tendo a criatividade como o motor gerador de reflexões para que ações possam vir a modificar as relações humanas. Baldin e Cherem (2020,p.211) apontam que a potencialidade ativista do

graffiti não está exclusivamente no seu conteúdo discursivo, mas também em sua estética que inquieta o seu espectador, e que o ativismo, assim como o graffiti, também possui as diferenças de perspectivas que precisam ser reconhecidas tendo a consciência de que diferentes entendimentos sobre uma mesma obra são legítimos, percebendo que as mais variadas perspectivas precisam ser valorizadas e entendidas e colocadas no diálogo, externalizadas e compartilhadas e, assim, oferecendo mais dinamismo aos diálogos dentro da sociedade, respeitando a pluralidade de opiniões que devem existir sobre determinado assunto e como o impacto causado pode ser diferente para cada pessoa. Campos (2012, p.554), sobre o mesmo assunto, ainda comenta que o graffiti "é um reflexo da cultura visual contemporânea contribuindo ativamente para a configuração que esta assume". Como uma forma de comunicação, que por toda a sua história desde as revoltas estudantis e o movimento hip hop, o graffiti se transformou em uma linguagem expressiva urbana dando apoio a movimentos sociais para uma maior visibilidade, sobre inúmeros temas, como por exemplo sobre a luta contra o feminicídio.

Para Baldin e Cherem:

o "ativismo artístico está na mobilização de identidades, percepções e emoções em experiências criativas, que unem arte e sociedade em um espaço que possibilita a reflexão crítica sobre o possível". (2020, p.211).

Podemos perceber que o ativismo é mais uma ferramenta que os movimentos sociais possuem para disseminar suas mensagens, dentro dos espaços públicos, e sobre situações políticas e sociais, utilizando da imaginação e criatividade.

EDUCAÇÃO LIBERTADORA

O mestre e patrono da Educação brasileira, Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), traz uma configuração social definida em duas classes: o opressor e o oprimido. Na qual o primeiro é o detentor do meio de produção e o segundo, é o que se encontra na posição de exploração. E a relação entre essas duas classes é onde ocorre o que ele chama de desumanização. O opressor usa o seu poder para oprimir o oprimido, tratando-o como sendo uma posse deste, um ser inferior que se submete a

imposições sem compreender qual é a sua participação no mundo. Paulo Freire se refere a esta prática como desumanização. E ele acredita no contrário, que, quanto mais práticas humanas não opressivas, mais se terá humanidade nas relações.

A quebra do ciclo desta relação social entre o opressor e o oprimido dá-se através do conhecimento, da educação, da história, da revolução que tende a estabelecer e situar o ser humano no mundo em condições de maior igualdade de direitos. A ação libertadora dos seres humanos se dá através da prática da reflexão que, em seguida, torna-se caminho para transformar a reflexão em independência social, funcional e pessoal, o que é um processo de permanente libertação. Ao questionar o mundo, buscar por soluções, e se entender como parte de uma sociedade, o oprimido não mais consegue se conformar com a realidade imposta. Segundo Paulo Freire (1987, p.67) “a libertação autêntica dos homens implica a ação e a reflexão sobre o mundo para transformá-lo”.

A oportunidade dos graffitis com mensagens artivistas que podem ajudar a problematizar, provocar e informar através da arte, demonstra que a educação pode ultrapassar os limites da sala de aula. Podemos encontrar essas mensagens com temas sobre o meio ambiente, drogas, cultura, dentre inúmeros outros assuntos relevantes, mesmo antes de entrarmos na escola, apenas observando seus muros grafitados. O mundo não é um lugar estático, estamos envoltos em várias situações que são diversas e, a elas, não cabe apenas uma resposta ou solução, assim a reflexão se faz necessária para a maior compreensão sobre as diversas realidades que existem e que, muitas vezes, desconhecemos. Ainda segundo Paulo Freire (1987, p.167) “problematizar, porém, não é sloganizar, é exercer uma análise crítica sobre a realidade do problema”. O conhecimento/sensibilização que podem vir a ser adquiridos nas ruas grafitadas pode se tornar uma ferramenta que, além de problematizar, consiga ser através de graffitis e de suas mensagens artivistas provocar um diálogo para educação libertadora. Paulo Freire (1987) cita que a educação como prática da liberdade existe “não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo” (1987p.71). Partindo de que estamos em um mundo globalizado no qual as informações se espalham com muita velocidade, percebemos que estamos em uma sociedade plural onde várias realidades se encontram dentro desta mesma bolha social e que devemos coabitar este planeta respeitando as diferenças e duvidando das verdades absolutas. Alana Cristina Teixeira Chico em sua dissertação (2017, p.41), Graffiti: Arte de rua e

espaço escolar, relata que, sendo o graffiti uma arte popular e urbana aproxima se da concepção libertadora freireana como uma mediação para trabalhos educativos, possibilitando aos educandos atribuir e recriar novos significados, baseados em sua realidade, de um jeito criativo e autônomo, além de uma nova forma de expressão de comunicação. E que o graffiti possui um contexto histórico e é uma prática com diferentes finalidades dentro da nossa sociedade. E uma dessas finalidades poderia ser a de o graffiti poder somar a diversas outras ações pedagógicas em busca de uma educação libertadora. O mestre Paulo Freire afirma que "somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo" (1987, p.83). O diálogo que se pode ter por meio do graffiti é de se ver, no sentido de tirar a invisibilidade, de "vozes" que estão preocupadas em expressar as suas questões políticas e sociais em um espaço público e que buscam o diálogo com uma maior quantidade de pessoas, não estando restrito a um local, mas sendo exibidos em um local público e aberto, tem-se a oportunidade de que mais pessoas possam participar, de forma democrática, deste descortinar de diferentes realidades. Quanto mais se discute e amplifica a realidade através de temas que partem do cotidiano de cada pessoa se percebe outras concepções de realidade.

Quanto mais problematizamos educando, como seres no mundo e como mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (FREIRE,1987, p.70).

Através do diálogo, e não pela imposição, novas opiniões começam a existir e debates favorecem o pensar crítico, de que somos seres humanos que além de compreender a história também atuamos nela e que devemos participar, por meio de ações, para que tenhamos uma sociedade mais justa. As mais diversas mensagens que são apresentadas durante o processo educativo, como cita Paulo Freire (1987, p.98), não dependem apenas de serem decodificadas, mas dependem de que façam sentido ao público que se está direcionado. Todas as mensagens encontradas nos muros com os mais diversos temas e assuntos são possíveis fontes de reflexão e problematização que

podem ser utilizadas para se obter uma educação libertadora aos moldes do que pensava o mestre Freire.

Ao oferecerem possibilidades plurais de análises, no processo de sua codificação, as codificações, na organização de seus elementos constituintes, devem ser uma espécie de “leque temático”. Desta forma, na medida em que sobre elas os sujeitos decodificadores incidam sua reflexão crítica, irão “abrindo-se” na direção de outros temas. (FREIRE, 1987, p.109).

A natureza do graffiti acontece a partir da criatividade e imaginação do artista, e por isso, as suas mensagens geralmente podem nos levar a diversas opiniões sobre o seu significado. Decodificar o que ela realmente tem a dizer, tendo cada pessoa a sua realidade, pode engrandecer o debate sobre as suas interpretações que foram refletidas no graffiti. O desafio é que por meio da imaginação se possa criar possibilidades de reflexão a partir do que se está vendo e criar um debate democrático sobre a realidade. Como já vimos, o graffiti possui uma história dentro da nossa cultura e que foi se transformando com o decorrer das épocas, e que a sua finalidade nos tempos atuais, é dual pois ao mesmo tempo que é artístico ele é uma fonte de contestação sobre situações que ocorrem na sociedade. A história está sendo contada a partir de diferentes realidades e pontos de vista. Gitahy (1999, p.67) aponta que “o graffiti se transforma em arte utilitária quando se coloca a serviço de uma proposta com fim educacional”. E assim a educação se faz libertadora quando o ser humano começa a se sentir inserido ao mundo e começa a criar o senso crítico sobre si e tudo que o rodeia.

METODOLOGIA

A revisão de literatura foi conduzida por meio de uma pesquisa documental em fontes bibliográficas sobre o graffiti, educação libertadora e políticas públicas relacionadas à arte urbana. Foram analisados artigos acadêmicos, livros e legislações pertinentes ao tema. A metodologia qualitativa utilizou abordagens comparativas e interpretativas para compreender as diferentes fases de aceitação social do graffiti e sua inserção em práticas educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas visitas técnicas nas três escolas de ensino médio realizadas, no mês de novembro do ano de 2020, momento que não estavam ocorrendo aulas presenciais por causa da pandemia do COVID-19, entre as variedades de grafítis encontradas nos muros das escolas localizadas na região administrativa de Taguatinga, Centro de Ensino Médio Ave Branca (CEMAB), Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga (CEMEIT) e Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte (CEMTN), foi percebido mensagens de cunho político, social e ambiental de forma imagética e/ou textual que evidenciam pautas possíveis de discussão mais ampla.

Com a finalidade de compreender o grafítis como uma potencial ferramenta para a prática de uma educação libertadora já podemos definir que ele possui um caráter educativo nos muros das escolas visitadas, tanto dentro da sociedade quanto no contexto escolar, já que as suas mensagens possuem reflexões que buscam o debate com o público que passa pelos muros. E para fundamentar essa afirmação citamos Baldin e Cherem (2020, pág.206) ao “observar a cultura contemporânea através do grafítis é, também, buscar compreender o homem e a sua realidade”. Ainda comentam que o grafítis proporciona uma percepção mais efetiva podemos observar e tentar compreender o ser humano e a sua realidade. Os temas dos grafítis nos muros dessas três escolas de ensino médio oferecem reflexões que podem ser relevantes para uma maior discussão ligada a questões educacionais e à realidade das escolas. Campos (2012, p.546) afirma que o grafítis “é executado para ser olhado. Aliás o espaço de visibilidade é hierarquicamente avaliado de acordo com a nobreza que o lugar ocupa aos olhos do eventual público”. Tendo os muros de três escolas de ensino médio como fonte de pesquisa para este trabalho pode se perceber que ali, que poderia ser apenas local de distanciamento entre a escola e rua, torna-se um espaço para a educação, cultura, conhecimento e reflexões de problemas sociais. Nestes muros encontramos descobertas que estão abertas a discussões e visões sobre o mundo. Além das reflexões, os muros podem ser percebidos como uma linguagem que nos faz ter contato com a criatividade e imaginação do grafiteiro.

Sobre as mensagens nos muros das escolas, que por meio do grafítis, fazem parte da cultura visual, Campos (2012, p.552) comenta que a “Cultura Visual remete a horizonte particular da produção cultural humana: o universo composto pelas linguagens e artefatos de índole visual”.

O mestre Freire (1987, p.19) afirma que “ expressar-se, expressando o mundo, implica comunicar-se”. A linguagem visual e urbana que o graffiti proporciona por ser mais uma fonte de diálogo e reflexão sobre a participação do ser humano no mundo, que é globalizada, é que uma opinião pessoal pode ser amplificada para os espaços públicos buscando uma maior comunicação e uma possível participação de todos sobre temas relativos ao nosso cotidiano para ações que possam transformar a nossa sociedade mais igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma revisão de literatura sobre a mudança de percepção social do graffiti nos últimos 50 anos, investigando se ele pode se somar a diversas outras ações pedagógicas em busca de uma educação libertadora, uma vez que utiliza espaços públicos para refletir sobre temas universais e geradores de conhecimento e criticidade através do ativismo. Foram escolhidos muros grafitados em três escolas de ensino médio da cidade de Taguatinga-DF como espaço de observação. Os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados visto que o graffiti e talvez possa se somar a ações pedagógicas para uma educação libertadora que utiliza os muros das escolas para gerar conhecimento e criticidade, tendo em vista que as mensagens em sua maioria de forma imagética encontradas são de cunho educacional e social.

Com base no que foi apresentado, podemos observar que o graffiti se transformou em uma linguagem urbana das minorias, trazendo mensagens genuínas de camadas periféricas da sociedade, que buscam formas de comunicação democrática para conseguir visibilidade para os problemas enfrentados no seu cotidiano. O graffiti foi considerado transgressão por causa do teor de suas mensagens e por ocupar sem autorização os espaços públicos. Artistas precursores que exploraram o graffiti como técnica artística passaram a ser reconhecidos pelos meios tradicionais de arte, porém conservando reflexões sobre o modo de vida atual. O diálogo que os graffiti trazem por meio da linguagem visual nos muros das escolas podem proporcionar aos leitores/transeuntes uma opção de poderem refletir sobre pautas importantes dentro do nosso cotidiano, sendo um artifício na mobilização social através dos debates que podem ser gerados através do diálogo com as imagens, dando ao ser humano a possibilidade de imaginar o mundo de maneiras muito distintas por meio de temas

políticos, sociais e ambientais, tendo a criatividade e a imaginação como o motor gerador de reflexões para que ações possam vir a modificar as relações humanas.

REFERÊNCIAS

APPEL, Valeria. **Ghetto art: Thousand voices in the city**. Graffiti.org, 2006. Disponível em: <https://www.graffiti.org/faq/appel_ghetto_art2006.html>. Acesso em: 16 out. 2021.

BALDIN, Vitória, P. CHEREM, Youssef, A. **Ativismo, Resistência e mudança social na prática e nas expressões do graffiti**. Revista GALO, ano 1, n.2, Parnamirim- RN, p. 205-214, 2020.

BELO, M. **Arte Pública, Muralismo e questões Políticas**. Revista do Colóquio, [S. l.], v. 4, p. 170–176, 2013. Disponível:< <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7668> >. Acesso em: 27 nov.2021

CAMPOS, Ricardo. **A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea**. In: Revista FAMECOS: Mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, V. 19, n. 2, 2012, p. 543–566.

CHICO, Alana, C.,T. **Graffiti: arte de rua e espaço escolar**. Orientadora: Profa. Dra. Maria da Anunciação Pinheiro Barros Neta. 2017.115 f. Dissertação- Mestrado em Educação na Área de Concentração Educação, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUKS, Rebeca. **Tudo sobre o graffiti no Brasil e no mundo**. Cultura genial, 2019. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/graffiti/>>. Acesso em: 02 nov.2021.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. 2a edição. São Paulo. Coleção Primeiros Passos. 2011.

RINK, Anita. **Grafitagem: Resistência e criação**. Revista Tamoios. Rio de Janeiro. VI. n.1, 79-91, jan/jun. 2010.

PENHA, Norma Gonzaga. **Pop Arte e a Linguagem publicitária: Relação entre imagem e texto**. Orientador: Moises Alves.2012.40 f. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.

RAPOSO, Paulo. **“Artivismo”**: Articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia, vol.4, n.2, p. 3-12, 2015.

SILVA, William da Silva. **A trajetória do graffiti mundial**. Revista de Arte Ohun. Ano 4, 212-231, 2008.